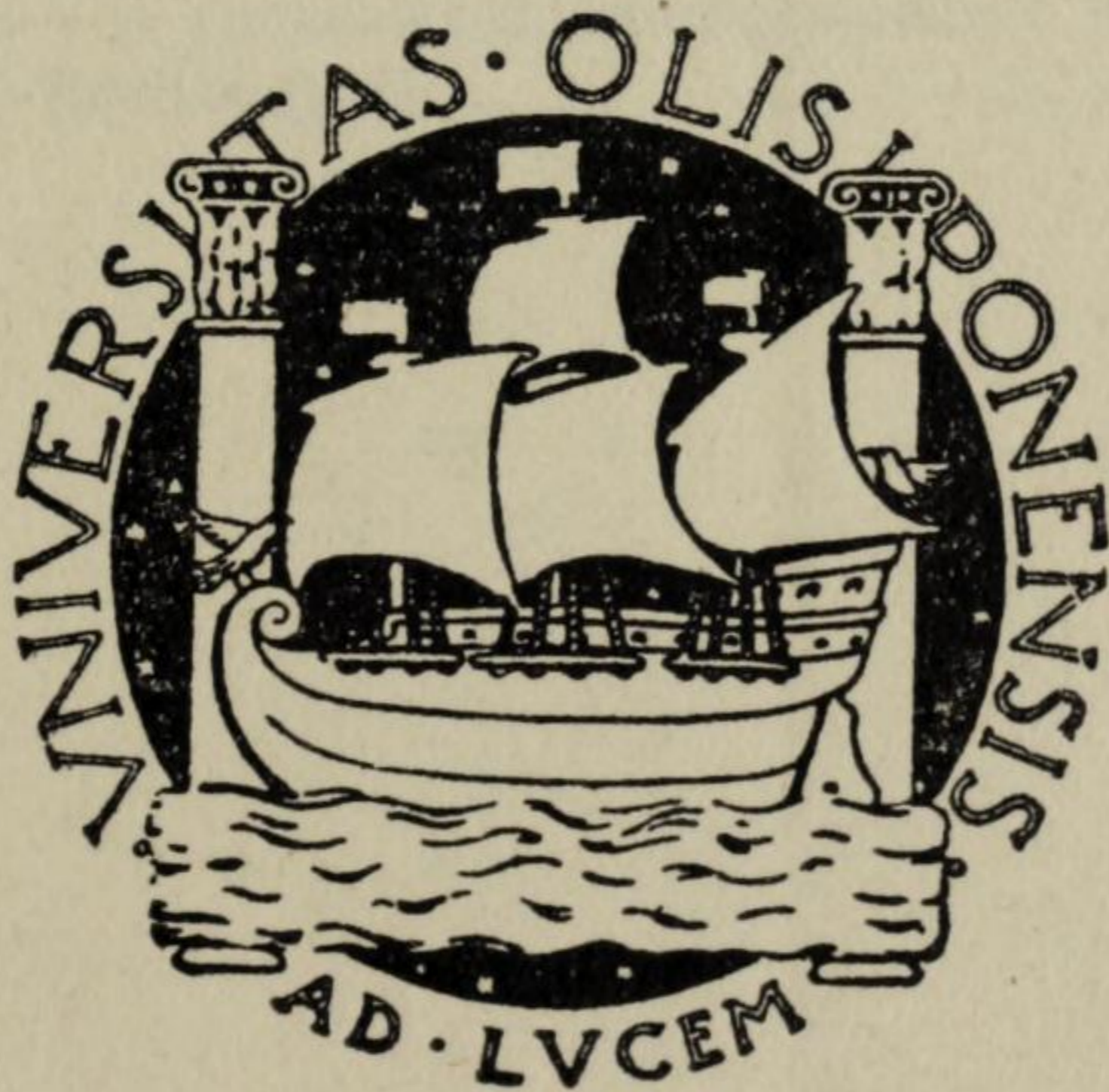


ARQUIVO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

VOLUME VII

(Com 26 gravuras no texto e XVII estampas)



THE LIBRARY OF
MAR 6 1926
UNIVERSITY OF ILLINOIS

LISBOA
MCMXXIII

NOTÍCIAS DALGUNS CRUSTÁCEOS
DO ATLÂNTICO COLHIDOS EM REGIÕES
MAIS OU MENOS VISINHAS
DAS COSTAS DE PORTUGAL

POR

BALTHAZAR OSÓRIO

Professor da Faculdade de Ciências de Lisboa

(Estampas, XIV-XVII)

A pequena lista de espécies de crustáceos que publicamos, em seguida a este brevíssimo preâmbulo, provêm do estudo dos exemplares colhidos principalmente pelas diligentes e inteligentes pesquisas executadas pelo piloto do vapor de pesca *Albatroz*, Sr. José da Glória, que no meio da sua faina tão laboriosa, não se tem esquecido de prestar, e por mais duma vez, altos serviços à ciência, e contribuído para o enriquecimento das colecções zoológicas do Museu Nacional, oferecendo-lhe raros e importantes animais marítimos pertencentes a diversas classes.

Pequena como é, a lista aludida é, todavia, muito importante, porque nela estão compreendidas espécies muito raras, e de que estão desprovidos alguns dos mais ricos museus da Europa.

Outras são porventura novas para a ciência e delas se dá, segundo cremos, notícia pela primeira vez. Doutras ainda, se fixa o *habitat* onde foram colhidas, diverso do que até agora se apresentava, acrescentando-lhe por este facto o que até hoje se conhecia a respeito do seu domínio. Dalgumas se diz também a profundidade em que se encontraram, em geral grande, o que contribue para os conhecimentos acerca da fauna batipelágica. Apesar do pequeno número de espécies que compõem a nossa lista, pelas circunstâncias apontadas, cremos que despertará o interesse dos carcionologistas em especial e o dos zoólogos que se occupam da Oceanografia.

1 — *Lambrus spinosissimus*, Osório n. sp. Est. I. XIV.

Esta espécie que julgamos nova para a ciência aproxima-se por alguns dos seus caracteres da espécie de Roux conhecida com o nome de *Lambrus mediterraneus*, (1) mas afasta-se dela por certos caracteres que levam a admitir a existência doutra diversa da que acabamos de citar, ou pelo menos uma sua variedade local. As relações e as diferenças que encontrámos nos nossos dois exemplares são as seguintes: o rosto é triangular e bem assinalado, as patas dos quatro últimos pares são, tanto na espécie de Roux como na nossa, armadas de espinhos nos bordos superior e inferior do terceiro artículo, mas a casca dos exemplares da nossa espécie não é rugosa, mas sim coberta de numerosos tubérculos, disseminados por toda ela, de diversas dimensões; sendo os maiores os da linha mediana e correspondendo às regiões gástrica, cardíaca e genital. A casca não tem o aspecto cariado que os naturalistas que descreveram o *Lambrus mediterraneus*, lhe atribuem. Num dos nossos exemplares vêem-se principalmente nas regiões branquiais numerosos orifícios, e noutro exemplar também se vêem orifícios mas numa região diversa, nos dois sulcos profundos que parecem dividir a casca em três partes distintas. Não me parece que êste pormenor possa corresponder ao citado aspecto *cariado*. Os bordos da carapaça apresentam na nossa espécie uma série de espinhos muito agudos que vão crescendo desde a região anterior até à posterior; as mãos são triangulares, alargando-se na parte em que estão implantados os dedos. O seu bordo superior e o seu bordo externo são semeados de espinhos, sendo os do bordo superior maiores que os do bordo externo e, tanto uns como outros, armados de espinhos mais pequenos e de pêlos rudes. Em geral estes espinhos grandes alternam com outros de maiores dimensões. A face superior da mão apresenta também espinhos bastante separados uns dos outros e a face inferior é coberta de granulações que não acabam na origem dos dedos, pelo contrário, estão fartamente espalhadas por êles.

Comprimento da casca do nosso maior exemplar, contado desde a extremidade do rosto, 0,^m033; a sua maior largura, contada entre as bases de dois dos espinhos laterais, mais salientes, 0,^m037. Num dos nossos exemplares as extremidades dos dedos e dos tarsos dos quatro últimos pares de patas são negras.

2 ♂ — O maior colhido na latitude de Lisboa, na profundidade de 100 braças. O mais pequeno colhido próximo a Salé, na costa de Marrocos, pelo Sr. José da Glória.

(1) Crust de la Médit. Pl. 1. — Miln. Edw. Crust. t. I, pág. 357.

2 — *Cancer Bellianus*, Johnson. Osório, Cat. Crust. Port. pág. 4.

Êste crustáceo a que o professor Barrois, atribue uma distribuição geográfica muito circunscrita, dizendo que apenas tinha sido encontrado na Ilha da Madeira e nas Canárias, já foi indicado por nós como pertencendo à fauna carcinológica de Portugal, pois foi colhido em Setúbal. Possui também o Museu Bocage um outro exemplar da mesma espécie que foi muito provavelmente colhido perto de Lisboa. A sua área geográfica fica agora muito aumentada com esta presente notícia, pois o exemplar que foi dado ao nosso Museu pelo Sr. José da Glória, foi colhido na costa de Marrocos.

3 — *Batynectes superba*, Costa. Est. XVII.

Fauna del regno di Napoli. 1853. Result. Camp. Scientifiques. Prince Monaco. Fasc. XIII pág. 25. Pl. II, fig. 1-24.

Esta espécie, de que nenhum naturalista, nacional ou estrangeiro, deu notícia de ter sido encontrada nas costas ou nas proximidades das costas de Portugal, tinha sido colhida apenas nos Açores e no gôlfo da Gasconha, em virtude das explorações oceanográficas de S. A. R. o Príncipe de Mónaco, nas profundidades de 1262^m-742^m. Entre o número relativamente considerável de exemplares mencionados por S. A. figura apenas uma fêmea adulta captada perto da Ilha do Pico, à profundidade de 785^m e cuja largura do tórax é de 42^{mm}. A largura máxima do nosso exemplar (medida entre a base dos maiores espinhos laterais da casca) excede 70^{mm}, largura que não é atingida, pelo menos dos mencionados, por nenhum exemplar. A côr do nosso exemplar, conservado em álcool, é branca ligeiramente amarelada. A carapaça é inteiramente coberta de pequeníssimas granulações, todavia bem visíveis sem o auxílio duma lente.

O nosso exemplar foi colhido a 250 braças de profundidade aproximadamente, entre Sines e Vila Nova de Milfontes, pelo Sr. José da Glória, piloto do vapor de pesca *Albatroz* e por êle oferecido ao Museu Bocage.

S. A. R. o Príncipe de Mónaco diz, na obra citada, que é uma espécie da mediana profundidade e cita os exemplares colhidos pelo *Candan*, no Gôlfo da Gasconha, a 1410^m. Em presença dos números que representam as profundidades em que têm sido colhidos os exemplares do Oceano Atlântico concluimos que o nosso exemplar, uma fêmea adulta, é de todos o que foi colhido mais à superfície.

Maior largura 0,^m7; único comprimento 0,^m55.

4 — *Carcinus maenas*, Pennant.

Osório. Cat. Crust. Port. pág. 6. (a) Vila Rial de Santo António
(b) Aveiro.

5 — *Pachygapsus marmoratus*, Stimpson.

Osório.— Cat. Crust. Port. pág. 7. Um exemplar da costa de Marrocos; outro colhido a N. E. do Cabo Ghir.

6 — *Calappa ganulata*, Fabr.

Osório.— Cat. Crust. Port. pág. 8. Colhido na costa de Marrocos um exemplar; outro colhido a N. E. do Cabo Ghir.

7 — *Atelecyclus cuentatus*, Desm.

Osório, Cat. Crust. Port. pág. 8. Vila Rial de Santo António.

8 — *Homola spinifons*, Lamk.

Osório, Cat. Crust. Port. pág. 9. (a) costa do Algarve, (b) costa de Marrocos, (c) N. E. do Cabo Ghir.

9 — *Eupagarus Bernhardus*, Lin.

Osório, Cat. Crust. Port. pág. 9. costa de Marrocos.

10 — *Pagurus striatus*, Latr.

Osório. Cat. Crust. Port. pág. 10. Colhido a N. E. do Cabo Ghir.

11 — *Scyllarus arctus*, Fabr.

Osório. Cat. Crust. Port. pág. 12 ♂ — Sines — Oferecido pelo Sr. Casimiro Gomes d'Almeida.

12 — *Gebia stellata*, Montagu.

Ria de Faro, próximo ao farol. Oferecido pelo Sr. Vice-Almirante Álvaro Ferreira.

Espécie nova para a fauna carcinológica de Portugal.

13 — *Polycheles typhlops*, Heller. Est. XVI, figs. 1 e 2.

Crust. des Südlichen Eurp. pág. 211 — Taf. VII, figs. 1 e 2.—Est. I, figs. 3 e 4.

Est. XVI fig. 1 e 2

Esta espécie que deve ser acrescentada à lista dos crustáceos de Portugal é extremamente rara, porque Heller que foi quem a descreveu, diz na obra que citamos acima, que o único exemplar conhecido era o

que existia no Museu de Viena d'Áustria e que tinha sido colhido no Mediterrâneo nas costas da Sicília. No volume XXIV, do *Challenger Report*, pág. 126, encontramos a notícia de que o Dr. Norman o tinha colhido na costa portuguesa, todavia nunca eu o tinha visto citado por nenhum naturalista português. O Museu Bocage possui actualmente um exemplar desta notável espécie que foi colhido na costa do Algarve. O Dr. Norman tratando dela nos *An. and Mag. Nat. Hist.* ser. V. vol. IV, pág. 177. 1879, diz: — Male taken of Portuguese coast in 220 fathoms, Porcupine Exped. 1870.

14 — *Nephrops norwegicus*, Lin.

Osório. Cat. Crust. Port. pág. 13. (a) Praia da Nazaré, da Expl. zoológica em 1907; (b) costa de Marrocos.

15 — *Polibius Henslowii*, Leach.

Osório. Cat. Crust. Port. pág. 56. Tavira.

16 — *Penneus caramote*, Risso.

Osório, Cat. Crust. Port. pág. 15. Tavira.

17 — *Geryon longipes*, (Est. XVII, fig. 1) A. Miln.

Expl. Sc. du Travailleur et du Talisman. Cust. Dec. T. I., pág. 103 e seg. Est. II.

Nenhuma dúvida temos em classificar como *Geryon longipes*, A. Milne Edwards, três exemplares de crustáceos que foram colhidos pelo vapor de pesca *Albatroz*, a 300 braças de profundidade ao sul de Sagres. Nunca até agora tinha sido colhida esta rara espécie, que habita muitas vezes as grandes profundidades do Oceano ⁽¹⁾ senão no Gôlfo da Gasconha, no Mediterrâneo, ou no Mar do Norte, se admitirmos a opinião, que nos parece incontroversa, de que o *Gerion longipes* é uma variedade de *Gerion tridens*, Kröyer.

Examinando os nossos três exemplares, todos machos, e comparando os caracteres que observámos com os que se encontram mencionados na obra citada e com as estampas I e XVII, figs. 13 e 21 da mesma obra, notamos o seguinte: que os espinhos marginaes e que se encontram de cada lado da casca são mais pequenos do que os que se vêem representados na fig. da estampa I, aproximando-se por tanto por êste carácter do *Geryon tridens*. O espinho orbitário ultrapassa o pe-

(1) 667m —, 813m —, 1143 —, 1160m, etc.

dúnculo antenário nos nossos exemplares e igualmente a frente, aproximando-se por êste carácter do *Gerion longipes*. As patas ambulatórias, que são grandes, não crescem da primeira à terceira; o segundo par, pelo menos, em dois dos nossos exemplares é mais comprido do que o terceiro; o quarto é o mais curto de todos e bastante mais curto que o terceiro, quási iguala o comprimento do primeiro.

O meropodito do segundo par dos nossos três exemplares é mais largo que o do primeiro e de que o terceiro. O meropodito e propodito do terceiro par são realmente mais compridos do que os do primeiro; carácter que pertence ao *Gerion longipes* e não ao *Gerion tridens*. Sómente na extremidade superior e distal do meropodito do quarto par é que existe um espinho bem evidente.

Dois dos nossos exemplares têm dimensões iguais, e são maiores do que os exemplares maiores citados por A. Milne-Edwards, e mesmo excedem, embora se aproximem muito pelas suas dimensões do *Gerion tridens* colhido nas costas da Noruega. Faremos notar um facto importante: que o palpo das mandíbulas nos nossos exemplares não termina da mesma maneira como termina o palpo das maxilas do *Gerion longipes*, representado na estampa XVII, fig. 2. Nos nossos exemplares o palpo termina por um artículo bem distinto coberto por longos pêlos. Vide est. XVII, fig. 2. Não diz Milne-Edwards coisa alguma a respeito da terminação desta peça bucal no *Gerion tridens*. Serão estes caracteres, com os outros a que nos referimos, suficientes para estabelecer a distinção entre a espécie de Kröyer e a de A. Milne-Edwards?

As dimensões dos nossos exemplares são as seguintes :

	Maior	Menor
Comprimento da carapaça desde o bordo posterior até ao meio da saliência frontal exemplar	66 mm	63 mm
Largura da carapaça medida na base anterior dos últimos espinhos laterais	76 »	74 »
Comprimento do primeiro par ambulatório	118 »	86 »
Comprimento do meropodito da primeira pata ambulatória	40 »	36 »
Comprimento do meropodito da terceira pata ambulatória	46 »	42 »
Comprimento do propodito da primeira pata ambulatória	28 »	26 »
Comprimento do propodito da segunda pata ambulatória	32 »	31 »
Largura máxima do meropodito da terceira pata ambulatória . . .	12 »	11 »

3 ♂ — Colhidos ao sul de Sagres a 300 braças de profundidade.

APÊNDICE

Terminada e impressa a presente nota recebemos de várias procedências um certo número de exemplares de diversas espécies de crustáceos que entendemos dever acrescentar-lhe. Alguns dêles foram colhidos pela Missão hidrográfica de estudos da costa de Portugal, outros foram colhidos a bordo dum vapor de pesca pela diligência e solicitude do Sr. Gabriel Spínola, estudante da Faculdade de Ciências de Lisboa e pelo Sr. Fernando Mendes, empregado do Museu Bocage. Não duvidaram as pessoas cujos nomes citamos expor-se aos incómodos que resultam de viagens que não tem um fim científico, para alcançarem exemplares destinados ao progresso das colecções do Museu Bocage, pelo que entendo que são dignas de aplausos e elogios.

É, sem dúvida, pequeno o número de espécies de crustáceos que temos a acrescentar à lista sobredita, mas pertencem a uma região pouco explorada ou inexplorada sob o ponto de vista da ciência, entendendo, todavia, dever dizer desde já, que os crustáceos vieram acompanhados de um grande número de espécies pertencentes a outras classes de animais de que nos ocuparemos, oportunamente, em notas subseqüentes. A nova lista é a seguinte.

Nephrops norvegicus, Linn.

(a) Praia da Nazaré — (b) Cabo Ghir, a 180 braças de profundidade, fundo de areia, $30^{\circ},30'$ de lat. $10^{\circ},02'$ de long.

Pagurus striatus, Latr.

N. vulg. Casa mudada. — Mar da Cagarria, a 200 braças de profundidade, fundo de lodo. Lat. $30^{\circ},08'$, long. $9^{\circ},62'$ — (b) — Cabo Ghir, a 180 braças de profundidade, lat. $30^{\circ},30'$, long. $10^{\circ},02'$.

Calappa granulata, Fabr.

3 ♂ — N. vulg. Viúva. — 180 braças de profundidade. Lat. $30^{\circ},30'$ — long. $10^{\circ},02'$.

Homola Cuvieri, Risso.

Mar da Cagarria — Fundo de lodo, 200 braças de profundidade — lat. 30^o,03' — long. 9^o,62'.

Gonoplax angulata, Fabr.

Missão hidrográfica das costas de Portugal, diversos indivíduos todos masculinos.

Clibanarius vulgaris, Dana.

Salé — Costa de Marrocos. Oferta do Sr. José da Glória.

Gelasimus Tangeri, Eydoux.

Tavira — ♂-♀.

Exp: 1921 — Setembro, Srs. Ribeiro e Mendes.

Carsinu maenas, Pennant.

(a) Aveiro — (b) Tavira ♂ ♀.

Inachus scorpio, Fabr.

N. vulg. — Aranha do mar. Mar da Cagarria, a 260 braças de profundidade. Lat. 30^o,08' — long. 9^o,62'.

Munida Rondeletii, Bell. (Est. XVI, fig. 3)

Esta espécie, que é citada pela primeira vez como pertencente à fauna carcinológica das costas de Portugal, foi criada pelo naturalista inglês Thomas Bell, fundando-se em que êste crustáceo tinha caracteres diferentes das espécies incluídas no género *Galathea*, onde outros naturalistas notáveis (Fabricius, Latreille, Leach, H. Milne Edwards) a tinham colocado. As razões que conduziram Bell a êste procedimento foram os seguintes caracteres que êle cita na sua obra (1). Ora, entre êsses caracteres aponta os seguintes: *Anterior* pair of feet long, slender, and somewhat filiform. The length and slenderness of the hands. que se verificam nos nossos exemplares mas não na figura que Bell apresenta na pág. 208 do seu trabalho nem na figura 3 da estampa XXVII do Atlas de Herbst. Mas não foram sómente as figuras das obras citadas comparadas com o que verificámos nos nossos exemplares que nos levaram a pensar que estaríamos em presença duma espécie nova do género Mu-

(1) A History of the British Stalk-eyed crustacea, pág. 206.

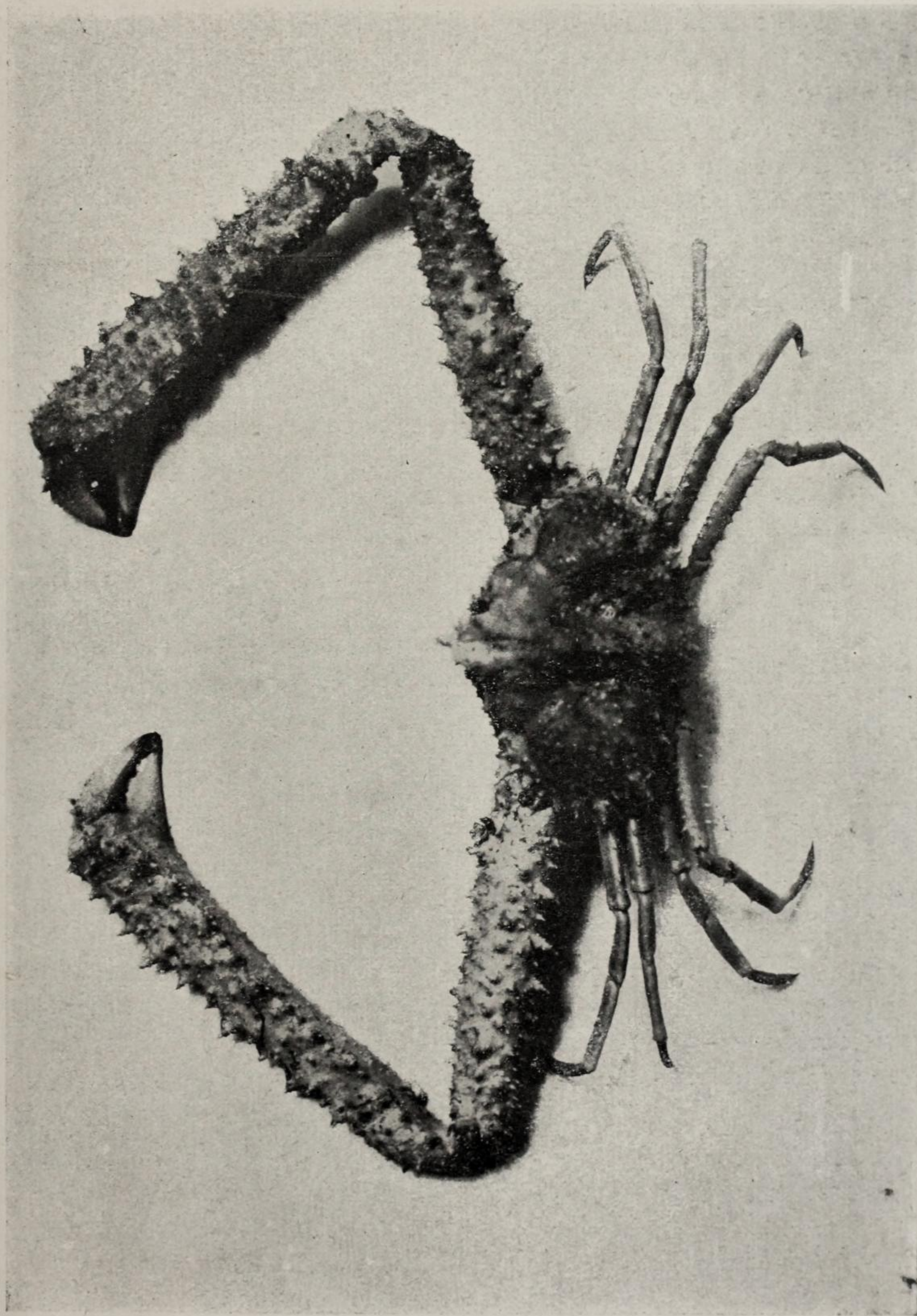
nida, foram outros caracteres citados por Bell ao descrever a *Munida Rondeletii*. Diz êle na sua diagnose: *The anterior pair of the feet very long, being nearly four times the length of the cephalo-thorax*. Ora êste carácter não se verifica nos nossos exemplares: onde o comprimento do céfalo-torax atinge apenas pouco mais de duas vezes e meia o comprimento do par de patas anterior. Mas Bell diz ainda mais o seguinte *the hand enlarges towards the extremity*. Ora isto é verdade na figura que êle apresenta mas não é exacto nos nossos exemplares como se pode ver na figura 3, estampa XVI do nosso trabalho. Os dedos são cilíndricos e terminados por uma unha curva. Estes caracteres não são citados por Bell.

Milne Edwards cita como *habitat* dêste crustáceo as costas da França. Bell diz que êle vive nas águas profundas que banham as costas da Inglaterra.

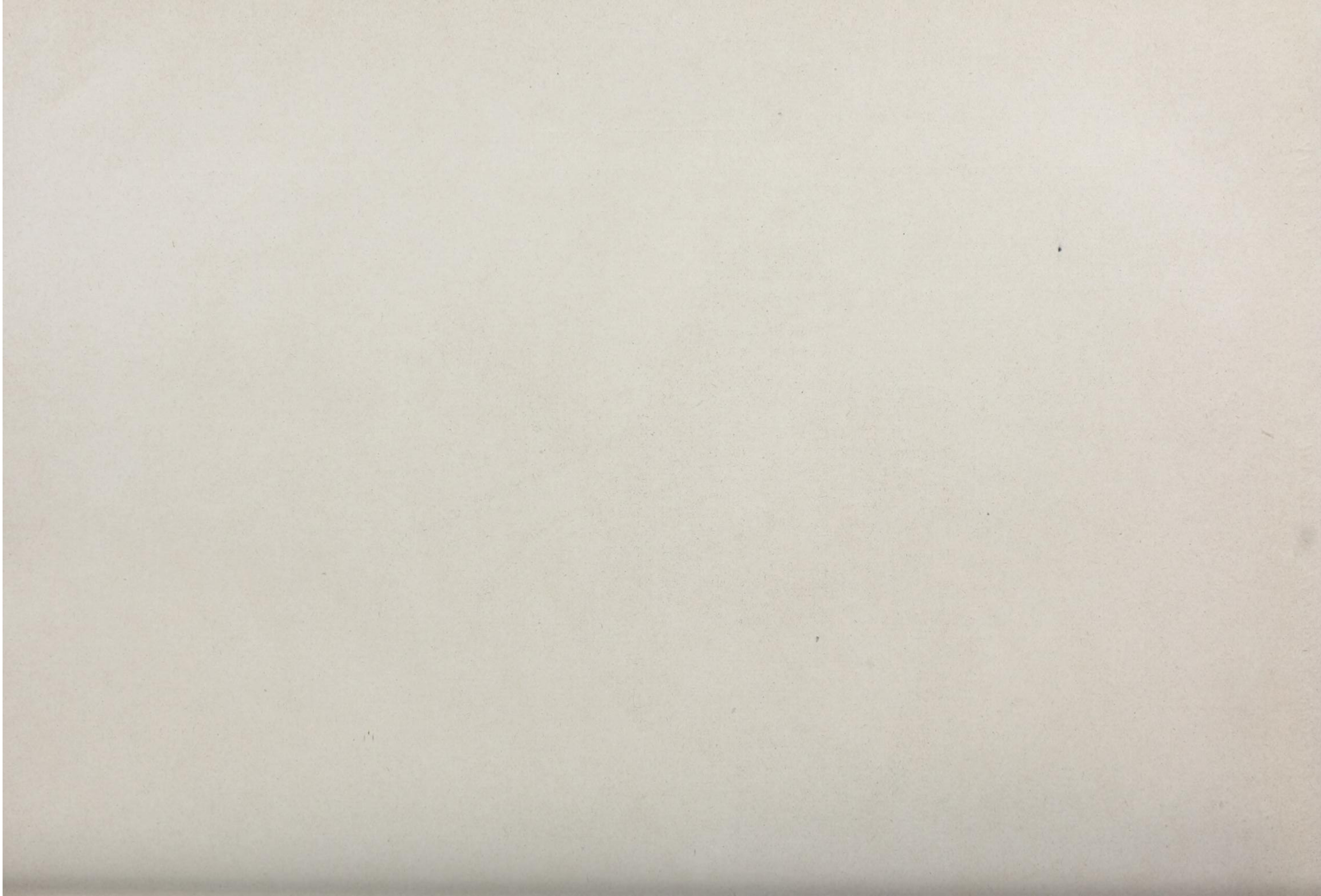
Temos em nosso poder exemplares das seguintes proveniências. (a) Cabo Ghir — costa de Marrocos, a 180 braças de profundidade. Fundo de areia, 30,30 de latitude, 10,02 longitude — (b) Paralelo do Cabo Raso, a 11 quilómetros para o mar, 55 metros de fundo. Colhido pela Missão hidrográfica da costa de Portugal.

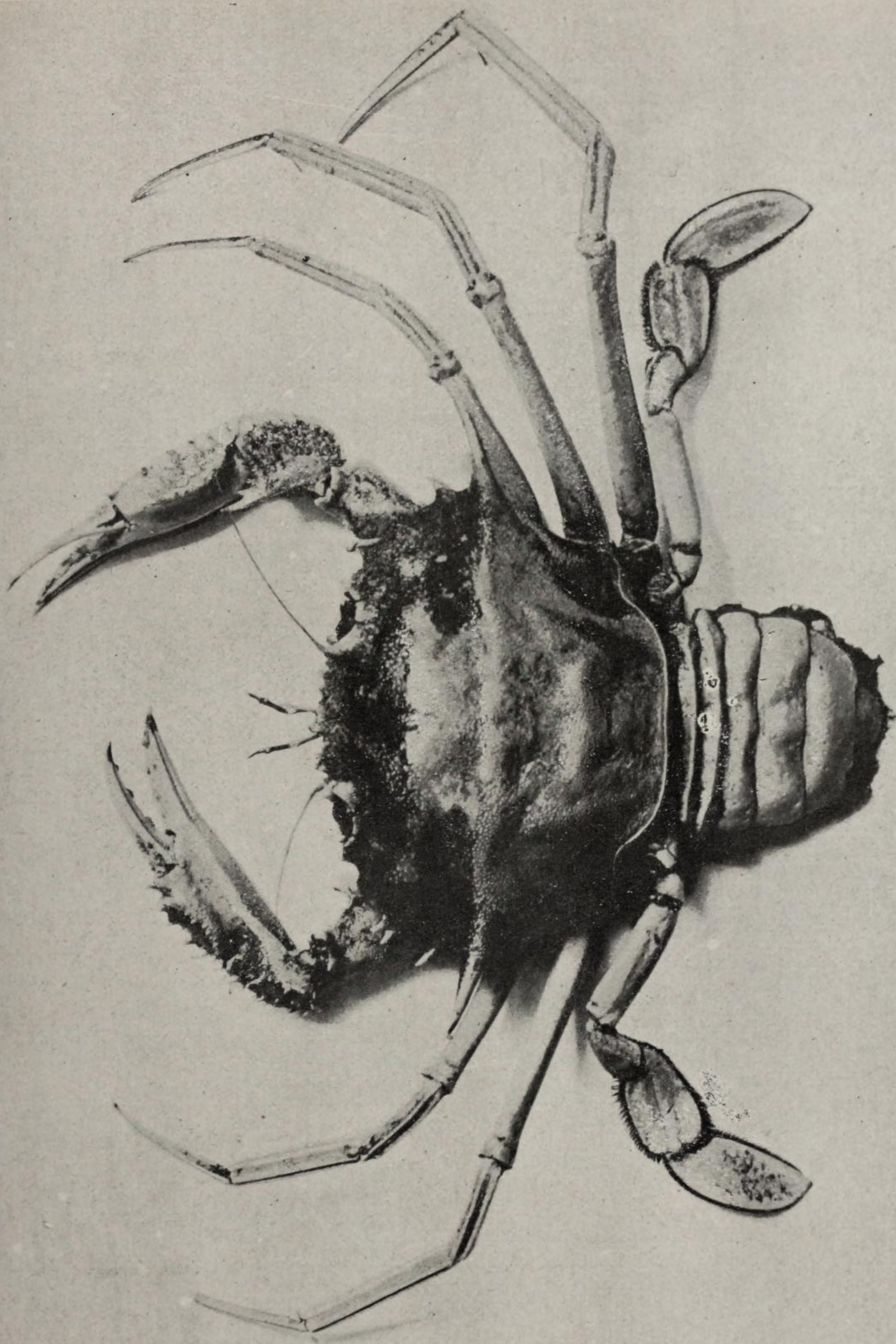
Grapsus varius, Latreille.

Mar da Cagarria, a 60 metros de profundidade.



Lambrus spinosissimus, Osório





Batynectes superba, Costa



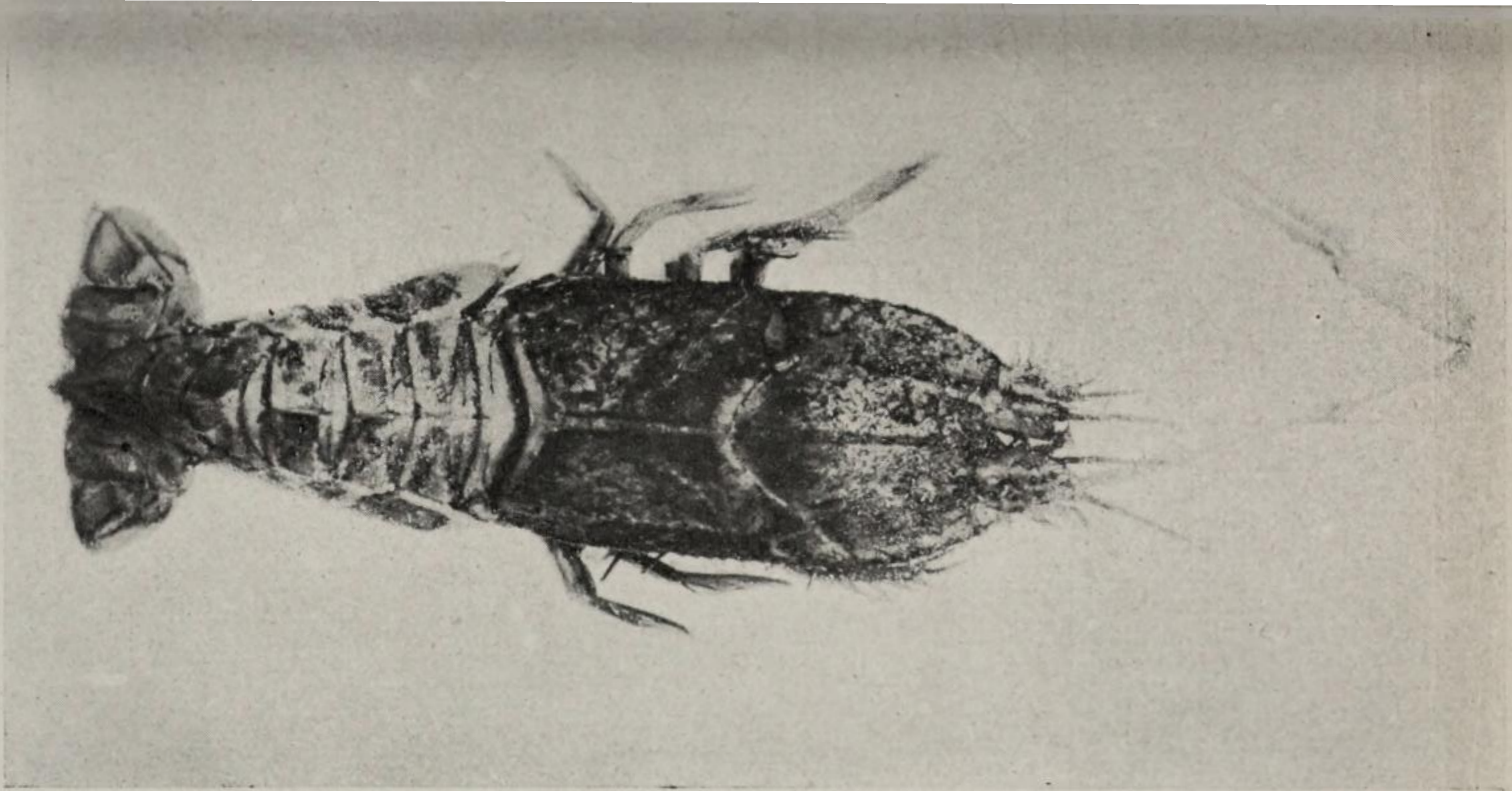


Fig. 1 — *Polycheles tiphlops*, Heller — Visto pelo dorso.

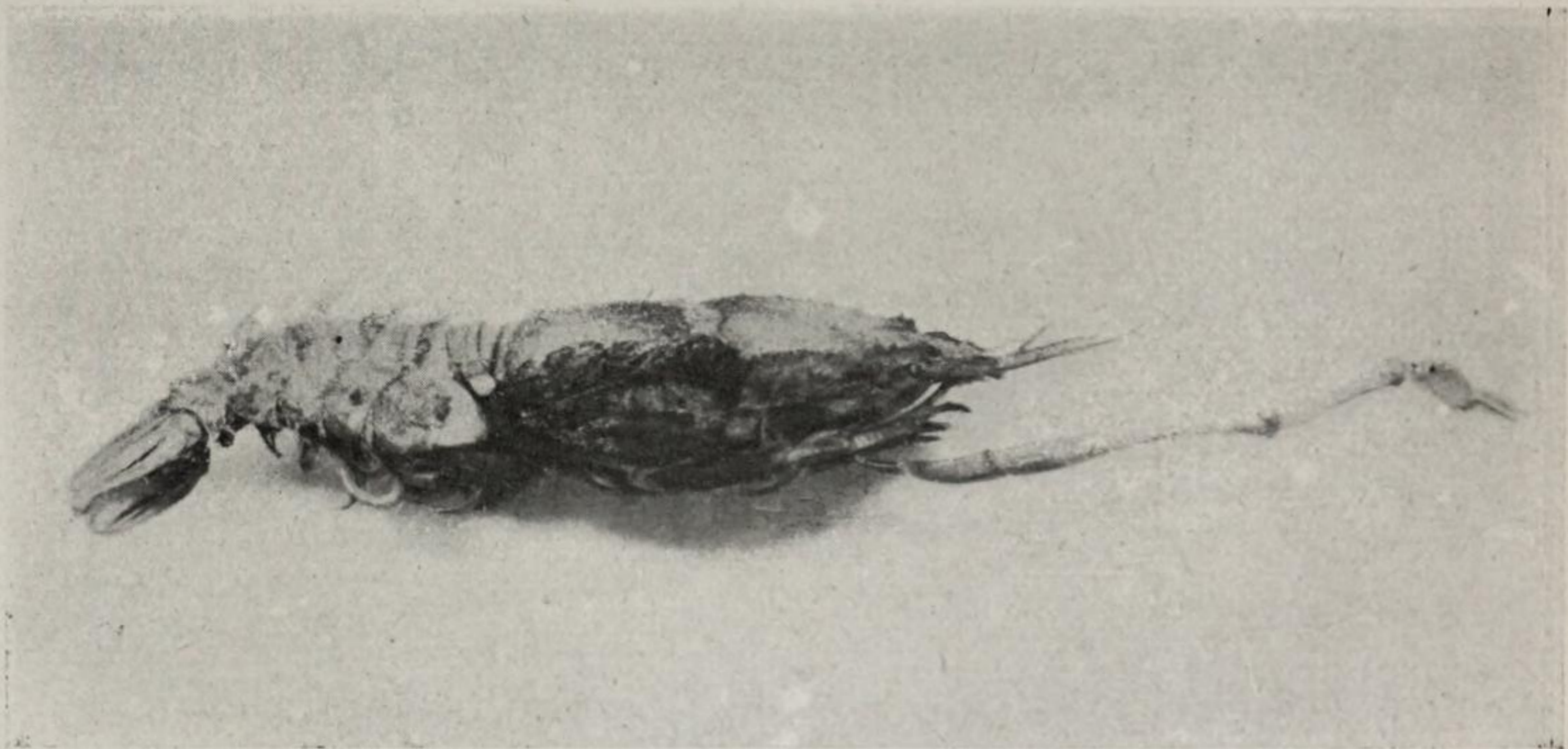


Fig. 2 — *Polycheles tiphlops*, Heller — Visto de perfil

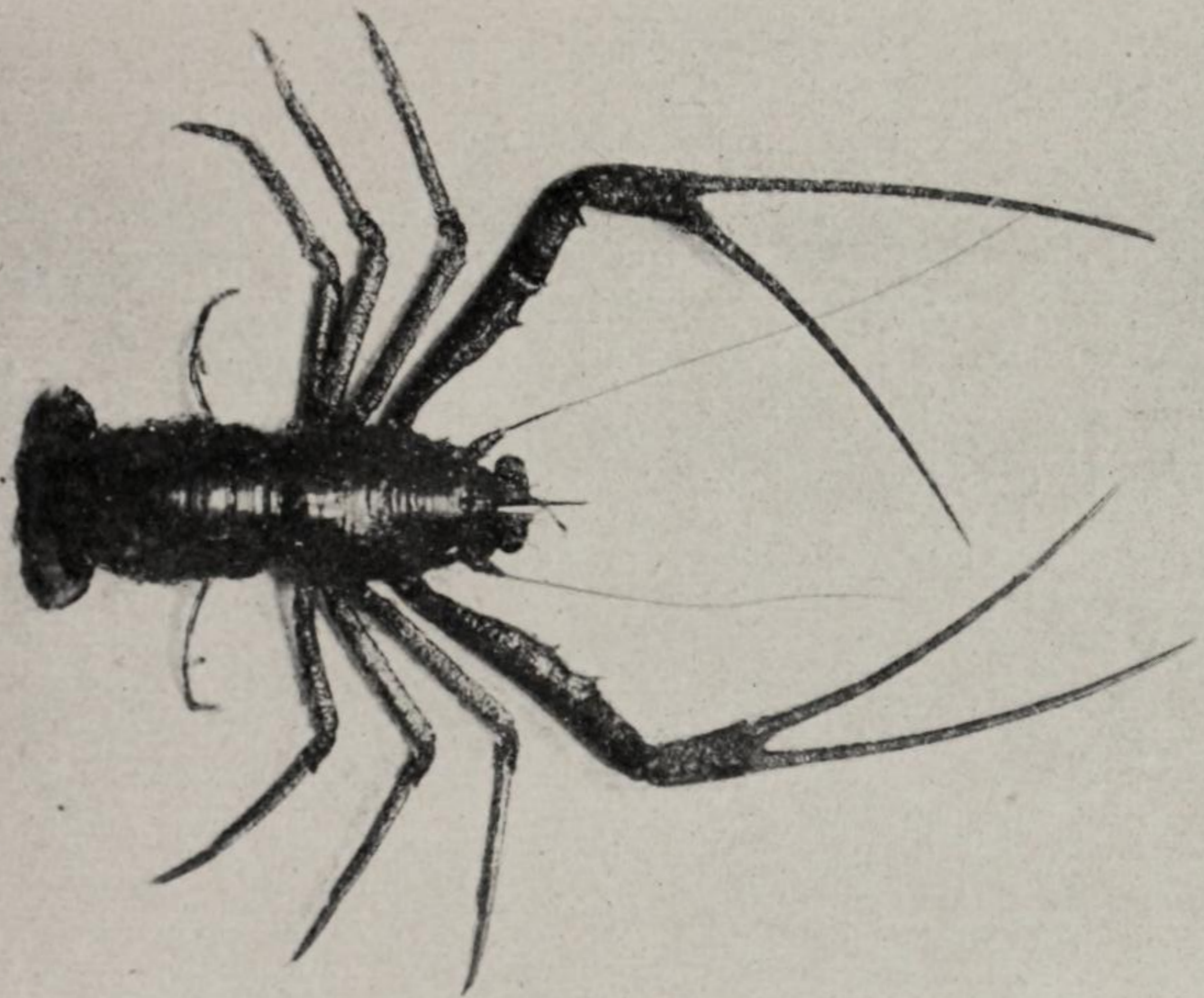


Fig. 3 — *Munida Roudedeiiti*, Bell



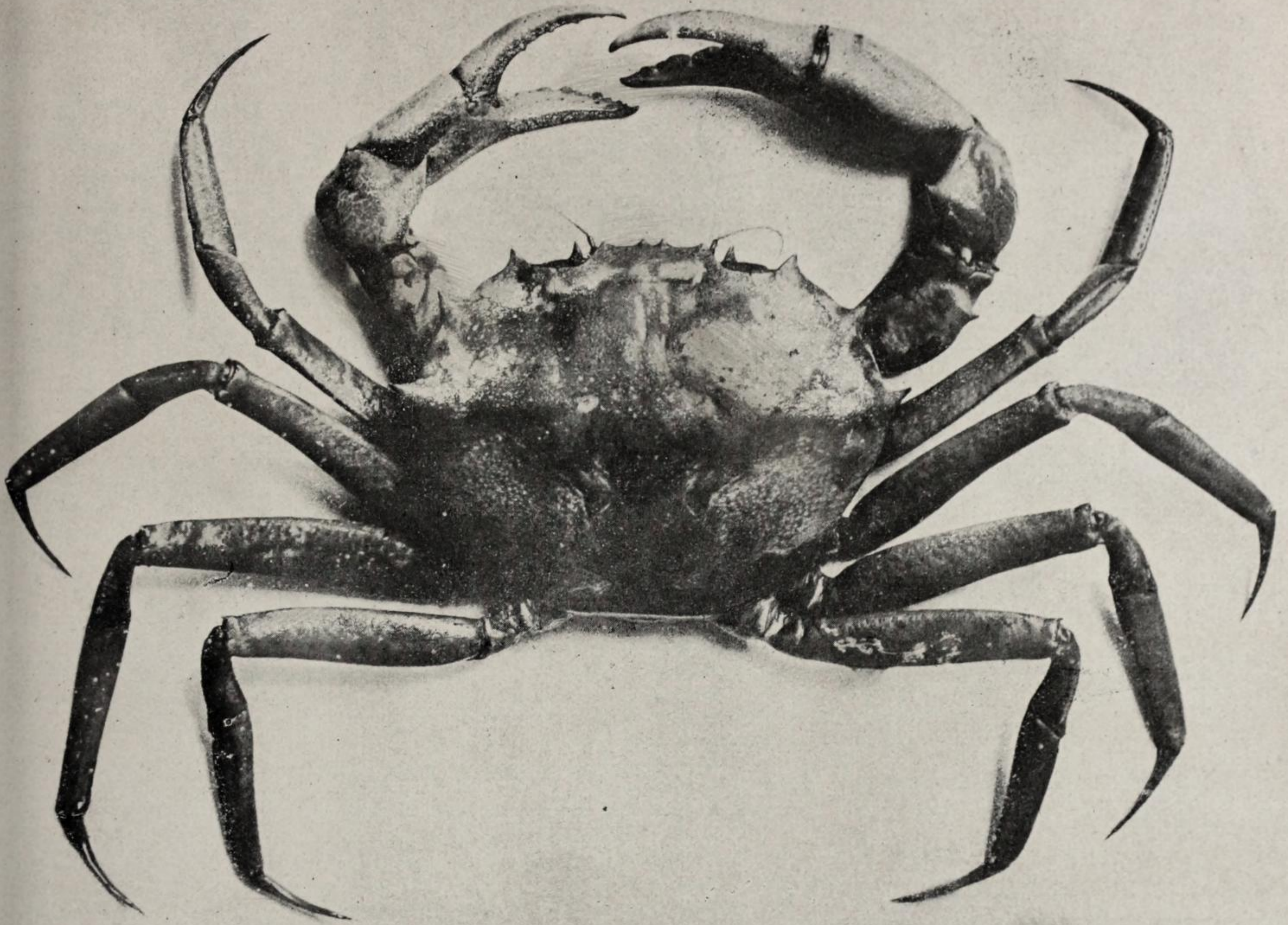


Fig. 1 — *Geryon longipes*, A. Milne Edwards



Fig. 2 — Palpo das mandíbulas dos nossos exemplares de *Geryon longipes*.

